



## Buscando complementar a definição de *estranho* de Freud<sup>1</sup>

### 1. O que é o *estranho* para Freud?

Em 1919, Freud publica um texto nomeado *O Estranho* (no original em alemão, o título é *Das Unheimliche*). Neste texto, seu propósito é delinear o conceito de *estranho*, a partir de noções da psicanálise. Freud apresenta o estranho como um sentimento e associa tal sentimento ao domínio do horror, do terrível, do angustiante. Na verdade, ele chega mesmo a localizar o sentimento de estranho no interior do afeto de angústia, como um gênero específico de angústia. Sendo esse o caso, torna-se preciso aprender a diferenciar o que é precisamente estranho entre as coisas que são angustiantes. Entendo que a busca por tal diferenciação é o que move esse texto de Freud e fomenta a tentativa de dar uma definição ao estranho.

Para encontrar essa definição, Freud trabalha por duas vias: primeiro, faz uma análise linguística do adjetivo “estranho” (em alemão: *unheimlich*) e, em seguida, reúne diversos exemplos de pessoas, coisas e situações que despertam em nós o sentimento de estranho. Percorrendo essas duas vias, Freud consegue elaborar a ideia de *estranho* a partir do conceito psicanalítico de *recalque*. Com isso, ao final de seu texto, a definição que Freud apresenta para o estranho é a seguinte:

tem de haver um grupo, entre os casos angustiantes, em que se pode mostrar que o elemento angustiante é algo recalado [*Verdrängtes*] que retorna. Tal espécie de coisa angustiante seria justamente o estranho [*Unheimliche*].<sup>2</sup> (tradução modificada: S.S.)

---

<sup>1</sup> Este trabalho teve apoio da Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo (FAPESP), processo nº 2019/12033-7. As opiniões, hipóteses e conclusões ou recomendações expressas neste material são de responsabilidade da autora e não necessariamente refletem a visão da FAPESP

<sup>2</sup> FREUD, S. O Inquietante. In: FREUD, S. *História de uma neurose infantil*, (“O homem dos lobos”), além do princípio do prazer e outros textos (1917-1920). Tradução Paulo César Lima de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2010, p. 360. As inclusões entre colchetes nas citações são minhas, a não ser quando deixo explícito que foram feitas pelo tradutor. Cf. FREUD, S. *Das Unheimliche*. In: FREUD, S. *Gesammelte Werke XII*. 6. ed. Frankfurt: S. Fischer Verlag, 1986, p. 254.

## 2. Por que seria preciso complementar a definição de Freud?

No início de seu texto, Freud tece uma crítica ao trabalho de um outro autor, Ernst Jentsch, que havia antes tentado delimitar o sentimento de estranho. Jentsch havia relacionado o estranho sobretudo à *incerteza intelectual*, ao medo que sentimos diante de coisas que desconhecemos, que nos são novas, que não nos são familiares. Freud então comenta acerca de Jentsch:

Claro que não é assustador tudo o que é novo e não familiar; a relação não é reversível. Pode-se apenas dizer que algo novo torna-se facilmente assustador e estranho [*unheimlich*]; [...] Algo tem de ser acrescentado ao novo e não familiar a fim de torná-lo estranho [*Unheimliche*]. [...] Notamos facilmente que essa caracterização é incompleta, e procuramos ir além da equação estranho [*unheimlich*] = não familiar.<sup>3</sup> (tradução modificada: S.S.)

O que Freud parece apontar é uma irreversibilidade na definição sugerida por Jentsch. Este diz que o estranho é algo novo, que não é familiar; mas Freud aponta que claramente não são todas as coisas novas, não são todas as coisas que não nos são familiares que nos causam essa angústia do estranho. A partir dessa irreversibilidade, ele conclui: não basta que algo seja desconhecido para que esse tipo de medo seja despertado em nós. Ou seja, a impossibilidade de inverter a tese de Jentsch para o estranho (isto é: a impossibilidade de dizer que toda coisa nova é estranha) parece apontar, para Freud, a necessidade de adicionar algo mais a essa tese. Sua irreversibilidade parece denunciar nela uma incompletude (fator que Freud afirma na parte final do trecho citado).

Tendo isso em mente, vejamos algo que Freud admite já no fim do seu texto sobre o estranho:

Pode ser correto que o *unheimlich* seja o *heimlich-heimisch* [oculto-familiar]<sup>4</sup> que experimentou um recalque [*Verdrängung*] e dele retornou, e que tudo estranho [*Unheimliche*] satisfaça tal condição. Mas o enigma do estranho [*Unheimlichen*] não parece resolver-se com essa seleção do material. Evidentemente a nossa proposição não pode ser invertida. Nem tudo que lembra moções de desejos recalçadas [*verdrängte*] e modos de pensar superados da pré-história individual e

---

<sup>3</sup> FREUD, 2010, pp. 331-2. Cf. FREUD, 1986, p. 231.

<sup>4</sup> Intervenção do tradutor.

dos povos é estranho [*unheimlich*] por causa disso.<sup>5</sup> (tradução modificada: S.S.)

Aqui, Freud afirma explicitamente que sua proposição acerca do estranho *não pode ser invertida*. Ou seja, Freud reconhece que, apesar de podermos afirmar que todo sentimento de estranho emerge do retorno de algo recalcado, não podemos afirmar que todo retorno de algo recalcado engendra o sentimento de estranho. Estruturalmente, enxergo uma dificuldade na definição freudiana para o sentimento de estranho análoga àquela dificuldade que já mapeamos, com Freud, na tese de Jentsch. Se a irreversibilidade no caso da tese de Jentsch sugeriu necessidade de complementação, parece razoável entendermos que a irreversibilidade no caso da tese de Freud também sugere que precisamos pensar para esta última uma complementação.

Mas o que isso significa de fato? Basicamente, significa perguntar: se nem todo retorno do recalcado causa o sentimento de estranho, quais são os retornos do recalcado que de fato causam tal sentimento?

### 3. Como complementar a definição de *estranho*?

Esta Iniciação Científica se propõe a complementar a definição de estranho dada por Freud em 1919 pensando sobretudo a noção de *retorno do recalcado*. A pergunta que emergiu da leitura proposta do texto de Freud foi: quais são os retornos do recalcado que de fato causam o sentimento de estranho? E a partir dela surgem outras: por que alguns recalcados causam esse sentimento ao retornar e outros não? Quais diferenças podemos mapear entre as ocorrências de retorno de algo recalcado?

Para nortear o percurso de tentar responder essas questões, escolhi um trecho de um outro texto de Freud, posterior ao texto acerca do estranho, o qual dá significativas contribuições para o estudo do conceito de *retorno do recalcado*. Nele, Freud aponta 3 possibilidades para o recalcado retornar:

1) quando a força do contrainvestimento é diminuída por processos patológicos que atingem o outro, o assim chamado Eu, ou por outra distribuição de energias de investimento nesse Eu, como acontece regularmente no estado do sono; 2) quando os elementos pulsionais [*Triebanteile*] ligados ao recalcado [*Verdrängten*] têm um reforço

---

<sup>5</sup> FREUD, 2010, p. 366. Cf. FREUD, 1986, p. 259.

especial, do qual o melhor exemplo são os processos que ocorrem na puberdade; 3) quando na experiência de vida recente, a qualquer instante, surgem impressões e vivências tão semelhantes ao recalçado [*Verdrängen*] que conseguem despertá-lo. Então a experiência recente é reforçada pela energia latente do recalçado [*Verdrängen*] e este passa a agir atrás da experiência recente, com a ajuda desta.<sup>6</sup> (tradução modificada: S.S.)

Neste trecho, vemos Freud apresentar 3 diferentes modos pelos quais o recalçado é capaz de retornar e, nesse sentido, 3 diferentes grupos de retorno do recalçado. A proposta desta Iniciação Científica é investigar se algum desses 3 grupos é aquele que de fato causa o sentimento de estranho. Mais especificamente, a hipótese da pesquisa é a de que o terceiro grupo é aquele que podemos dizer estranho por definição. Ou seja, a hipótese é a seguinte: o estranho não é causado meramente pelo retorno de algo recalçado; o sentimento de estranho é causado pelo recalçado que retorna porque se dá uma vivência muito semelhante a ele.

#### 4. Resultados

Este trabalho de pesquisa buscou aprofundar-se no caso dos sonhos. Por que? Pois, quando falamos de sonhos em psicanálise, tipicamente falamos sobre o retorno de desejos recalçados. Para Freud, “o sonho é a realização (disfarçada) de um desejo (suprimido, recalçado [*verdrängen*])”<sup>7</sup> (tradução modificada: S. S.)

Com o caso dos sonhos, fica em evidência uma dificuldade prática da definição para o estranho dada por Freud em 1919: por um lado, o estranho foi definido como o retorno de algo recalçado; por outro lado, podemos mapear o retorno de algo recalçado na imensa maioria dos sonhos. Considerando essas duas afirmações, concluiríamos que o sentimento de estranho é algo que ocorre na maior parte dos sonhos. Contudo, é fácil notar que esse não pode ser o caso: o sentimento de estranho é um tipo de angústia; ora,

---

<sup>6</sup> FREUD, S. Moisés e o Monoteísmo: Três Ensaio. In: FREUD, S. *Moisés e o monoteísmo, Compêndio de psicanálise e outros textos (1937-1939)*. Tradução Paulo César Lima de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2018, pp. 133-4; FREUD, S. Der Mann Moses und die monotheistische Religion. In: FREUD, S. *Gesammelte Werke XVI*. 6. ed. Frankfurt: S. Fischer Verlag, 1981, pp 201-2.

<sup>7</sup> FREUD, S. *A interpretação dos sonhos (1900)*. Tradução Paulo César Lima de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2019, p. 195. Cf. FREUD, S. Die Traumdeutung. In: FREUD, S. *Gesammelte Werke II/III*. 3. ed. Frankfurt: S. Fischer Verlag, 1961, p.166.

não podemos dizer que se sentir angustiado é algo que ocorre na grande maioria dos sonhos. De certo ocorre em alguns, mas podemos dizer com confiança que há sonhos que não são angustiantes nos quais há retorno de algo recalçado.

Foi sobre esse problema entre a definição de estranho de 1919 e a questão dos sonhos que se centrou o trabalho aqui desenvolvido. Ao longo das análises feitas, foi possível mostrar que definindo o estranho não apenas como o retorno de algo recalçado, mas como o recalçado que retorna porque se dá uma vivência muito semelhante a ele, evita-se o problema em relação aos sonhos.

## 5. Referências Bibliográficas

FREUD, S. Das Unheimliche. In: FREUD, S. *Gesammelte Werke XII*. 6. ed. Frankfurt: S. Fischer Verlag, 1986.

FREUD, S. Der Mann Moses und die monotheistische Religion. In: FREUD, S. *Gesammelte Werke XVI*. 6. ed. Frankfurt: S. Fischer Verlag, 1981.

FREUD, S. Die Traumdeutung. In: FREUD, S. *Gesammelte Werke II/III*. 3. ed. Frankfurt: S. Fischer Verlag, 1961.

FREUD, S. O Inquietante. In: FREUD, S. *História de uma neurose infantil, ("O homem dos lobos"), além do princípio do prazer e outros textos (1917-1920)*. Tradução Paulo César Lima de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2010.

FREUD, S. Moisés e o Monoteísmo: Três Ensaio. In: FREUD, S. *Moisés e o monoteísmo, Compêndio de psicanálise e outros textos (1937-1939)*. Tradução Paulo César Lima de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2018.

FREUD, S. *A interpretação dos sonhos (1900)*. Tradução Paulo César Lima de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2019.